

Um olhar interventivo sobre os dilemas do presente

An interventionist look at the dilemmas of the present

Rui Bebiano

Universidade de Coimbra

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1449-2216>

1.

Em 2022, estava a começar o período pós-pandemia, Álvaro Vasconcelos publicou *De Trump a Putin. A Guerra Contra a Democracia*¹. Consiste numa compilação de textos escritos entre 2016 e aquela data, onde o autor reuniu perto de oitenta artigos de opinião e análise sobre temas de política internacional que cruzam o nosso tempo e mobilizam neste momento as nossas maiores preocupações. O conjunto organiza-se em redor de um tema central, logo de início identificado, que é a vida concreta da democracia liberal – conceito associado pelo autor aos regimes onde os direitos humanos, as liberdades e o sistema representativo são geralmente respeitados – e os perigos que esta hoje atravessa, cercada de ameaças, desafios e medos que não podem ser ignorados ou menosprezados, sob o risco de soçobrar e ser substituída por regimes autoritários e iníquos.

Abordam-se ao longo do volume assuntos tão díspares como os caminhos e os dilemas da atual Europa enquanto unidade política e cultural, a ameaça norte-americana sobre todo o mundo protagonizada por Donald Trump, as consequências negativas do Brexit, as contradições da situação política francesa, a forte polarização da sociedade brasileira, a instabilidade no Mediterrâneo, o contínuo estado de calamidade que paira sobre a Palestina, a dramática evolução dos regimes autoritários da Síria e da Turquia, a rápida expansão da China e os perigosos caminhos do populismo e do

¹ Este artigo é uma versão, ligeiramente revista e ampliada, da intervenção que pude fazer, a convite do autor, quando do lançamento da obra em Coimbra.

nacionalismo. Este último é, em particular, relacionado com a terrível situação de guerra vivida atualmente na Ucrânia, envolvendo a agressiva Rússia de Putin e também, por inevitável extensão, a Europa e o mundo.

2.

A exposição de uma diversidade temática tão grande poderá suscitar a errada ideia de se tratar de um conjunto de abordagens das quais poderia resultar uma perceção excessivamente caleidoscópica e algo superficial do mundo contemporâneo. De modo algum é isto que acontece neste livro, pois ao longo das mais de três centenas de páginas é possível apreender um conjunto de ideias fundamentais sobre política internacional do nosso tempo e sobre a história global recente que são apresentadas de um modo muitíssimo claro e consistente, oferecendo um sentido objetivo e plenamente racional do todo o universo observado. Embora outras estejam presentes, sublinham-se aqui as seis mais salientes e claramente expressas.

Em primeiro lugar, a de que a possível mortalidade das democracias é uma constatação do tempo que estamos a viver. Mostra-se ao longo da obra a forma como, ao contrário do que de uma forma exageradamente otimista se chegou a crer no chamado “Ocidente”, entre o final da Segunda Guerra Mundial e os anos de instabilidade e desilusão que se seguiram à Queda do Muro de Berlim, passando pelos venturosos “longos anos 60”, a bem conhecida ideia de que a democracia representativa é “a pior forma de governo, à exceção de todos os outros já experimentados ao longo da história”², como lhe chamou Churchill na Câmara dos Comuns em novembro de 1947, não tem sido suficiente para assegurar a sua vitalidade ou garantir a sua sobrevivência. Hoje, como Álvaro Vasconcelos insiste em observar, defronta inimigos que a questionam a partir de diversos quadrantes, com a particularidade de estes o fazerem desde o seu próprio interior, servindo-se até de leis e de instrumentos que muitos democratas, por ingenuidade, desleixo ou complacência, lhes têm oferecido de mão-beijada.

Como segunda ideia, a perceção de que a hipervalorização do conceito de Nação tem voltado a constituir um grande perigo para as democracias. Revisita-se neste livro o risco do retorno do nacionalismo, essa construção romântica que determinou a história mundial no século XIX e municiou a estrutura identitária de muitos Estados, e que no século XX foi, como lembra o autor, “a ideologia que desencadeou as duas maiores catástrofes da história da humanidade”³. Recordam-se também, com insistência,

² CHURCHILL, Winston – *Churchill by Himself: The Definitive Collection of Quotations*. London: PublicAffairs, 2008, p. 574. A frase tem por vezes sido considerada apócrifa, mas é verdadeira.

³ VASCONCELOS, Álvaro – *De Trump a Putin. A Guerra contra a Democracia*. Porto: Edições Afrontamento, 2022, p. 18.

os grandes problemas que lhes estão associados no que à defesa da liberdade e dos direitos fundamentais diz respeito. Os nacionalismos estão, de facto, de regresso, após um tempo no qual se acreditou que “uma visão étnica, racial, da política tinha desaparecido com a derrota do fascismo e do nazismo e com os princípios da Declaração Universal dos Direitos Humanos”⁴. Na verdade, vivemos agora uma época em que o reforço das identidades e da exclusão do outro, apoiado na hiperbolização do conceito de Nação, volta a determinar antagonismos e guerras de enorme ferocidade, capazes de impor uma destruição sem precedentes.

Em terceiro lugar, a constatação de que os populismos representam hoje um problema cada vez maior e mais presente. É, de facto, recorrentemente referido ao longo do livro, como não poderia deixar de acontecer, uma forte preocupação com a reemergência e o crescimento dessa prática política endeusadora de um vago conceito de “povo”, com o seu estreito vínculo aos autoritarismos. Abordando-se ainda a forma como, no mundo atual, os instrumentos de comunicação, em particular no domínio das redes sociais, incorporando as suas mensagens – marcadas pela acentuação das desigualdades e da desumanidade, e mascaradas por um pendor identitário reforçado pelos que se arrogam interpretar os anseios desse “povo” – representam um vírus num processo de contágio e de rápida disseminação. O surgimento dos fenómenos coletivos que conduziram ao poder Donald Trump, Jair Bolsonaro ou Matteo Salvini, como exemplos por diversas vezes referidos, são aqui utilizados para se lhes definirem modos de compreensão e se lhes sugerirem antídotos.

A quarta ideia refere-se ao facto de a Europa política ser agora um lugar instável, pautado pelo desinteresse da maioria das pessoas comuns por aquilo que a todas diz respeito. A dada altura, Álvaro Vasconcelos escreve que “no âmago da crise europeia atual está um crescente desamor dos cidadãos, não pela ideia de uma Europa unida, mas pelas suas instituições”⁵. Considera que associadas a esta situação de desapego pela Europa como entidade política coesa se encontram quatro crises concomitantes: a da desigualdade, a da representação, a identitária e a da intermediação, resultando do seu conjunto dois fatores muito preocupantes e que estão interligados. O primeiro corresponde à perigosa tendência para as instituições pensarem que é possível avançar sem os cidadãos, tomando decisões sem os ouvir e menos ainda sem os mobilizar; o segundo, como lado contrário da mesma moeda, traduz-se no desinteresse do homem e da mulher comuns pelas instituições europeias, pelos seus dirigentes e em particular pelos partidos tradicionais. Abrindo, deste modo, o caminho ao autoritarismo e às forças da demagogia, que a extrema-direita populista procura capitalizar.

⁴ *Ibidem*, p. 18.

⁵ *Ibidem*, p. 38.

A quinta ideia adiantada considera agora uma luta de campos entre as democracias liberais e os nacionalismos identitários. Um dos aspetos notáveis nas reflexões propostas neste livro prende-se com a emergência de um conflito global – como uma “Segunda Guerra Fria”, expressão da qual o autor não se serve – entre dois grandes blocos que estão a constituir-se, desenhando um novo mapa político do mundo. De um lado, aquele que reúne os Estados de “democracia liberal”; do outro, o bloco que congrega os regimes pautados pelo autoritarismo, pela aversão à democracia e por um nacionalismo tóxico. Todavia, esta separação não pode fazer esquecer, um aspeto também sempre muito presente ao longo do volume, como no interior das “democracias liberais” o perigo do “nacionalismo identitário” procura impor-se, emergindo como “quinta coluna” instalada no seu âmago e pronta a destruí-las. O que tem acontecido em Estados como a Hungria, a Polónia, a Itália, a França ou o Brasil, agora também em Espanha ou Portugal, serve de claro sinal para a gravidade da ameaça e para a imperativa necessidade de as forças democráticas lhe fazerem frente.

A sexta e última das ideias propostas por Álvaro Vasconcelos aqui destacadas é a de que estamos a viver um aceso combate entre a “humanidade comum” e a desumanidade. O autor parte de uma constatação: a luta pela democracia e por sociedades mais justas é também uma luta de princípios projetada contra as propostas e as práticas da história como uma experiência de crueldade. Sigamos as palavras de que se serve para inventariar as conquistas das democracias liberais, que “foram consolidando um enorme património no domínio de valores com o objetivos de colocar o homem no centro: o da liberdade herdeira dos sonhos utópicos do iluminismo, o da justiça social dos socialistas do século XIX, o da igualdade de todos os seres humanos na sua enorme diversidade de culturas e crenças; o da recusa de todas as formas de racismo do pós-II Guerra Mundial, o da utopia da igualdade de género nascida da desconstrução da sociedade patriarcal na grande revolução cultural dos anos 60”⁶.

Logo de seguida, refere ainda a ideia de “humanidade comum”, emergente nos anos 90 ao mesmo tempo que, em sentido oposto, se assistia a um regresso dos crimes contra a humanidade, como aconteceu na Bósnia e no Ruanda, e ocorre agora em Gaza ou na Ucrânia. Para Álvaro Vasconcelos, aquele princípio positivo “foi-se impondo nas democracias liberais através da recusa da indiferença pelo sofrimento do outro, da obrigação de solidariedade e da rejeição de todas as formas de discriminação e racismo”⁷ que passaram a mobilizar boa parte da cidadania. Todavia, acompanha-o o fenómeno inverso de rejeição “que não vem só da extrema-direita” e “foi-se banalizando para outros setores da sociedade, incluindo para setores das grandes famílias democráticas de esquerda e de direita, nomeadamente nas políticas anti-imigrantes

⁶ *Ibidem*, p. 33.

⁷ *Ibidem*, p. 33.

e islamofóbicas”⁸. A situação que se vive com a divisão de águas, há algum tempo marcada pela guerra civil na Síria e neste momento determinada pela invasão russa da Ucrânia, parece ser mais um passo neste processo de rejeição dessa “humanidade comum”. Contra este distanciamento da essência do humano, o autor deixa veemente sinais de alerta, referindo a necessidade de no campo da política internacional se enfrentarem os que o defendem, não contemporizando com os seus objetivos.

3.

Ao mesmo tempo, três importantes temas, não sendo levantados de uma forma explícita nas páginas deste *A Guerra contra a Democracia*, encontram-se omnipresentes na obra, em boa medida por motivarem as escolhas políticas enunciadas e os processos de reflexão que são levados a cabo pelo autor.

Em primeiro lugar, torna-se evidente que a obra integra uma dimensão de interpretação do mundo e das suas contradições que é em boa parte uma herança, naquilo que esta contém de mais positivo, da chamada “geração de 68”, aquela que viveu o Maio francês e a Primavera de Praga. Este vínculo é estabelecido pela relação, aqui bem notada, com um compromisso de resistência a todas as formas de “pensamento único”, e também com a capacidade de transformação do mundo e da história resultante de uma ação coletiva emancipada da qualquer ganga ideológica. Esta escolha não remete para um anacrónico “revivalismo teórico”, mas para a uma escolha combativa consciente, de grande utilidade nesta fase da nossa vida coletiva. Aliás, no segundo volume da sua também notável autobiografia *Memórias em Tempo de Amnésia*, escritas pouco tempo após a conclusão do livro aqui comentado, Álvaro Vasconcelos reivindica expressamente essa herança, afirmando-a como instrumento libertador contra o que chama de “conformismo proibicionista”⁹.

Em segundo lugar, parece-me claro que uma proposta de abordagem, comum à voz na primeira pessoa expressa nestes textos de Álvaro Vasconcelos, se liga também à experiência do seu papel como intelectual público. Falamos dessa figura, hoje desconsiderada por alguns setores e em boa parte ignorada pelos partidos políticos e pelos média controlados pelos grupos económicos, que é a do intérprete da realidade capaz de juntar a procura do conhecimento do mundo e a capacidade de nele intervir de um forma ao mesmo tempo crítica e motivadora de respostas coletivas. Conservando sempre este intérprete, em tudo aquilo que escreve para os outros – como sublinhou Tony Judt no seu luminoso livro sobre a relação entre vida, pensamento e ação em

⁸ *Ibidem*, p. 34.

⁹ VASCONCELOS, Álvaro – *Memórias em Tempo de Amnésia. Vol. II: Exílio sem Saudade*. Porto: Edições Afrontamento, 2024, p. 60.

Léon Blum, Raymond Aron e Albert Camus¹⁰ – uma aguda noção do “peso da responsabilidade” pessoal perante o presente e também diante do fluir da história.

Por último, em terceiro lugar, é impossível deixar de referir um fator que sobressai também na leitura atenta destes textos: a percepção de que os conceitos de esquerda e de direita estão praticamente ausentes do discurso analítico do autor. Todavia, e apesar de não ser esta a sua escolha, de modo algum poderá encarar-se a opção como uma imperfeição. Na realidade, essa quase-ausência implica uma forma legítima, e que poderá também revelar-se muito útil, de abordar as contradições do mundo atual, onde esse conflito entre famílias políticas opostas, separadas desde a Assembleia Nacional Constituinte saída da Revolução Francesa, não se tendo evaporado, não é hoje, para a larga maioria dos cidadãos, o mais importante, o mais urgente e aquele que mais abertamente exprime as principais escolhas políticas, muitas vezes originadas em causas híbridas e complexas.

4.

Algumas palavras finais sobre o autor, procurando destacar quatro qualidades que este livro bem documenta. A primeira é uma grande sabedoria sobre o mundo em que vivemos e a sua história, sem a qual seria impossível pensar de uma forma tão sustentada, razoável e sugestiva. A segunda é a coragem, sempre necessária, como um dia preveniu Camus, quando se tomam nos próprios ombros as grandes dores do mundo. A terceira, é a sua voz de homem livre, no sentido de exprimir um pensamento próprio e que, sendo dialogante, jamais persegue modelos dos quais possa tornar-se refém, como tantas vezes acontece com outros intérpretes. Por fim, a quarta qualidade é o seu idealismo, designado pela jornalista Teresa de Sousa, no prefácio que escreveu para esta antologia, não como expressão de uma inútil metafísica, mas como “marca indelével” sem a qual “é difícil encarar o futuro”.

Em 2018, num estudo sobre as relações atuais entre a Rússia, a Europa e os Estados Unidos da América, *O Caminho para o Fim da Liberdade*¹¹, o historiador norte-americano Timothy Snyder deixou no título o que aparenta ser um sinal de pessimismo. Porém, paradoxalmente, aquilo que Snyder faz ao longo de toda a obra, não é a antevisão do grande desastre global, mas antes, face à possibilidade de este ocorrer, um apelo à necessidade de pensar e de agir, coletivamente e com urgência, de uma forma preventiva. Como o faz neste livro, com uma veemência ajustada e

¹⁰ JUDT, Tony – *O Peso da Responsabilidade. Blum, Camus, Aron e o Século XX francês*. Lisboa: Edições 70, 2018.

¹¹ SNYDER, Timothy – *O Caminho para o Fim da Liberdade. Rússia – Europa – América*. Lisboa: Edições 70, 2019. O título original, que aqui importa lembrar, é *The Road to Unfreedom*.

uma perspetiva otimista, Álvaro Vasconcelos. No final do derradeiro texto, escrito sobre a Europa democrática como nova e necessária utopia, e também como um imperativo da paz, refere-a “não no sentido da quimera irrealista ou da perversão totalitária da sociedade perfeita, mas sim no sentido original de Thomas More”. Isto é, como “um grande projeto humanista capaz de superar os grandes males da Europa”¹². Segundo Álvaro Vasconcelos, apenas este nos salvará.

Bibliografia

CHURCHILL, Winston – *Churchill by Himself: The Definitive Collection of Quotations*. London: PublicAffairs, 2008.

JUDT, Tony – *O Peso da Responsabilidade. Blum, Camus, Aron e o Século XX francês*. Lisboa: Edições 70, 2018.

SNYDER, Timothy – *O Caminho para o Fim da Liberdade. Rússia – Europa – América*. Lisboa: Edições 70, 2019.

VASCONCELOS, Álvaro – *De Trump a Putin. A Guerra contra a Democracia*. Porto: Edições Afrontamento, 2022.

VASCONCELOS, Álvaro – *Memórias em Tempo de Amnésia. Vol. II: Exílio sem Saudade*. Porto: Edições Afrontamento, 2024.

¹² VASCONCELOS, Álvaro – *De Trump a Putin...*, *Op. Cit.*, p. 303.

